

## O PRINCÍPIO DA INÉRCIA

*“Lei I: Todo o corpo permanece no seu estado de repouso, ou de movimento uniforme rectilíneo, a não ser que seja forçado a mudar esse estado devido a forças nele aplicadas”.*

Isaac Newton, 1686

Quando um veículo pesado avança a grande velocidade em linha recta e se depara, de repente, com uma inesperada e brusca mudança de direcção no seu caminho, o resultado é óbvio: a sua inércia não permite a atempada alteração da rota e o veículo embate violentamente contra o primeiro obstáculo.

As novas ruínas que Helder Sousa nos apresenta, e que hoje se espalham pelo nosso território, dão conta de uma inesperada e violenta viragem do contexto económico e financeiro e da incapacidade do nosso modelo económico alterar atempadamente a sua rota.

O modelo de crescimento vigente nas últimas décadas assentava na produção de bens não transaccionáveis com destaque para a fileira da construção e do imobiliário, alimentada por fundos comunitários e pelo crédito bancário (incentivado pela estabilidade e juros baixos do Euro, bonificações governamentais e apoios fiscais). A construção de habitação era uma fatia significativa deste sistema. Respondia às necessidades e anseios de uma população em movimento para as principais áreas urbanas e em ascensão social. Estabeleceu-se como produto com um papel fundamental em todo o sistema financeiro.

Era um modelo com fim anunciado: por exaustão de recursos e quebra na procura.

De facto, estamos, aparentemente, face a uma saturação do mercado residencial. De acordo com os dados do Censos 2011, Portugal possui uma média de 1,45 fogos por família, dos quais 12,5% (738 846) se encontram vagos. Compreende-se por isso que se verificasse já desde o ano 2000 uma diminuição, lenta mas contínua, da promoção de habitação nova. Algo que corresponderia a uma mutação do sector – e do próprio modelo económico – que se esperava lenta e progressiva.

A crise internacional – com origem precisamente no sector imobiliário – trouxe a total estagnação do mercado e precipitou violentamente esta mutação, sem que houvesse, da parte dos promotores, dos construtores, ou do próprio sistema económico e financeiro, qualquer capacidade para uma reacção adequada.

Imagens de edifícios em acelerado processo de degradação por nunca terem encontrado habitantes, construções suspensas tornadas ruínas, quilómetros de vias infra-estruturadas em loteamentos onde os edifícios nunca chegaram a existir e que são agora reconquistadas pela vegetação indomada: são as marcas mais visíveis desta mutação. Contam histórias de processos assentes em investimentos avultados e com prazos alargados que, atingido o limite da capacidade dos seus promotores, exaurida a esperança, foram abruptamente interrompidos.

As fotografias do Helder são testemunho do momento de viragem em que nos encontramos. Interpelam-nos a procurar novas formas de actuar – que não podem ser de fuga, de abandono dos destroços do passado.

Interpelam-nos a encontrar um modo de mudar o rumo.

A tempo.